

RECENSÕES

HORTON, Paul B. - HUNT, Chester L., *Sociologia*. Tradução de Auriphebo Berrance Simões, São Paulo, McGraw-Hill, 1981, vol. de 27 × 21 cm e X + 479.

A estrutura do livro articula-se do seguinte modo: Sumário, Prefácio dos Autores (AA), Secções Um a Seis, divididas em capítulos e subdivididos estes em subtítulos destacados do texto, Bibliografia, Glossário, Índice Onomástico e Índice Analítico. É um livro *didáctico*. Cada secção inicia-se com a *apresentação* da respectiva matéria e os capítulos abrem com um *texto* recolhido das usanças populares, da imprensa periódica e da literatura, sociológica ou não, como um «aperitivo» a estimular o leitor ou a situá-lo no plano da realidade social que o estudo procura descrever, explicar, ou fornecer, para o efeito, os critérios e instrumentos adequados. Ao fim de cada capítulo o *Sumário* respectivo, *Perguntas e trabalhos* (para recapitular matéria e sugerir observações apropriadas ao aluno), *Leitura sugerida*. Esparsas pelo texto encontram-se *figurinhas* de recorte humorístico como se fossem bocados de banda desenhada com suas legendas que facilitam e complementam a compreensão da matéria e a tornam agradável de acompanhar. Ao correr da exposição são trazidos ao leitor muitos exemplos, ilustrativos da literatura científica atinente e outra, dando-se realce aos conceitos, à teoria sociológica e à sua evolução como formas interpretativas da realidade e não como substitutivo sofisticadamente distante. A linguagem é fácil, acessível, tocada de seu pinturesco brasileiro *de lá* (nem sempre ao paladar lusitano *de cá*), qualidade que não vemos sempre conseguida por certos peritos que, para cientificar, arrevezam e nos deixam a contas com um pesado vocabulário de pretenso verbalismo científico. Tudo a denotar que um livro didáctico e de ciência não deverá, por necessidade ou estilo, deixar de ser interessante. Os objectivos e a intenção dos AA., apresentados no Prefácio, foram realmente conseguidos, à parte algumas limitações não muito relevantes: 1) «... captar o interesse do estudante»; 2) «... cultivar no estudante o hábito da análise científica dos dados sociais»; 3) «... apresentar os conceitos básicos e as matérias da Sociologia de modo claro e inteligível» (p. IX). O facto de se ter

feito com o livro destes AA. uma experiência didáctica usando-o como texto-base (não único), e não propriamente por ser uma obra ainda quente do prelo ou livro do ano, permitem algumas observações que nascem, elas mesmas, de tal experiência e dos interessados nela. Embora descrevendo e definindo bem as matérias e os dados trazidos à consideração verifica-se, por vezes, a falta de um esquema orgânico em que avulte a dependência das categorias (quando se trata, designadamente, de classificações) segundo o seu grau maior ou menor de compreensão e de extensão. Assim por exemplo ao falar de *grupos sociais* (pp. 134, 140) apresentam-se algumas categorias de grupos sem as integrar num esquema global em referência aos critérios que fundamentariam a divisão e as subdivisões dos mesmos. A descrição de algumas situações com vista a enquadrar a matéria alonga-se, talvez, sem grande utilidade quando, abreviada, deixaria mais à vista os conceitos ou ideias que se pretende apresentar (isto nalguns casos, cf. pp. 73-75). E se pensamos que, em tal experiência, o aluno seria remetido para outros textos e consulta na biblioteca de que terá de criar o hábito de frequência, mais relevante se torna tal observação. Dir-se-ia útil operar uma conciliação mais estreita entre o esquemático e o descritivo que não estarão os AA. longe de conseguir. A bibliografia é acentuadamente de origem anglo-americana ou em versões deste tipo o que se compreende, em parte, pela proveniência dos AA. e os destinatários, mas um pouco mais ao arrepio de europeus do continente que apreciariam ver autores de sua própria origem ou na sua língua (línguas), que os há em obras originais. Estes «reparos» didácticos que podem não pesar igualmente noutros utentes do livro e nas respectivas experiências, em nada infirmam o valor daquele e a sua funcionalidade manifesta para o ensino. E raramente temos visto conseguida tanta qualidade em obras do género. O seu carácter didáctico notável faz com que em certos estabelecimentos de ensino *Sociologia* bem possa ser livro único de texto e noutros livro-base pela familiaridade a que nos habitua com autores e situações variadas que são paradigma, caminho ou critério para ir ao encontro da realidade, compreendê-la e sentir que há sempre mais alguém que terá alguma coisa para dizer e convirá escutá-lo. O contacto com os AA. não enclausura mas abre para outras convivências.

F. Carmo

Arquipélago - Revista de Opinião e Cultura, Boston, 1 (1), 1985.

Este *Arquipélago* «...de ilhas de esforço e gente a lavar», publica-se nos Estados Unidos e procura congregar intelectuais empenhados em «captar por escrito a história, a cultura e as tradições do povo de Cabo Verde».

Mas a revista dirige-se sobretudo à comunidade caboverdeana da América do Norte, que tem um século de existência e cerca de trezentos mil membros. Nos seus oportunos «Votos», Eduardo Fontes defende que *Arquipélago* deve ser um veículo no despertar do orgulho pela origem, pela história e pela herança cultural dos caboverdeanos e no desenvolver de actividades comunitárias de afirmação e intervenção económica, social e política. Lígia Fontes, na sua breve mas elucidativa nota sobre «A mulher caboverdeana na América», foca a dramática e forçada separação da família devido à emigração para o Novo Mundo, tema a merecer a atenção e o debate dos sociólogos e dos etnólogos dos arquipélagos atlânticos. Esta autora não deixa também de salientar o conflito entre a «miscigenação étnica e cultural que é a riqueza da nossa tipicidade no mundo» e as contradições do *melting pot* americano, onde não faltam as barreiras raciais.

Especial interesse tem o artigo de John Leite sobre a ilha do Sal, conhecida pelo grande aeroporto e pela indústria do sal, implantada graças à iniciativa do bracarense Manuel Martins, capitão de uma sumaca, que, em 1792, ao transportar uma carga de vinho da ilha do Faial para a de S. Miguel, nos Açores, foi apanhado por uma tempestade, tendo arribado à ilha de Boa Vista, acabando por se estabelecer em Cabo Verde, onde desenvolveu importante actividade.

Em 1859, João José Vera Cruz fundou uma companhia de extracção e exportação de sal e investiu na actividade baleeira, animando os portos naturais de Palmeiras e Rabo de Junco. Estes investimentos foram encorajados por legislação de 1882 que isentou as empresas de impostos e taxas.

Na ilha do Sal celebrava-se a festa do Espírito Santo, ligada ao culto de S. Pedro. Os participantes, empunhando bandeiras com a imagem do Santo, desfilavam em torno de um mastro ornamentado e cantavam ao som de violinos e violas:

Ó Divino 'Spirito Santo,
Divino Consolador,
Consolae os seus meninos,

RECENSÕES

*Ahi vam o 'Spirito Santo'
Com a sua bandeirinha,
Consolar os seus mordomos!*

*Aqui estou para embarcar,
Mas há quem diga,
Deus te leve a salvamento,
Te ponha em porto seguro.*

*Ó que rica laranjeira
Tantas laranjas que tem
De raiz até às flores!*

*Quem quiser ver o império
Vá em cima o corpo santo
No Domingo da Trindade,
E lá vem os seus tambores.*

Segundo John Leite, as palavras descrevem alguém rezando pela salvação, no momento em que a alma está prestes a «embarcar». O Espírito Santo vem com a bandeira e conduz a alma ao paraíso (*porto seguro*), onde se cobre de frutos e flores.

Numa altura em que se começa a manifestar uma consciência cultural atlântica e se sente a necessidade de um maior diálogo entre os arquipélagos da Macaronésia, temos de saudar a oportunidade desta iniciativa e desejar-lhe longa vida.

R. S. M.

Composto e Impresso
nas Oficinas Gráficas
de Barbosa & Xavier, Lda.
Braga (Portugal)